



FICE

5ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

15 e 16 de Setembro

EDUCAR PARA A REALIDADE (DO DESEJO): articulações entre Educação e Psicanálise

Gleici Kelly de Lima¹ ; Marcos Rohling²

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe-se a articular Psicanálise e Educação, recuperando o debate histórico e as tensões existentes entre esses campos do conhecimento. Sua constituição objetivou (i) resgatar o impacto da psicanálise enquanto acontecimento histórico crucial na composição do homem moderno, compreendendo-o a partir de um agir ético que afirma o inconsciente enquanto instância e dimensão que transborda a racionalidade; (ii) Investigar, no conjunto da obra freudiana, os pontos em que a Educação alcança o primeiro plano de reflexão, demarcando também as mudanças e viradas conceituais operadas por Freud a fim de melhor situar a reflexão psicanalítica frente aos fenômenos educacionais; (iii) inserir-se no debate contemporâneo que movimenta educadores e analistas na investigação dos fenômenos que desafiam a ação educativa quando essa se assume também como responsabilidade de se voltar para a realidade do desejo.

A partir destas proposições, passamos a nos questionar a respeito da forma mediante a qual poderíamos pensar a educação a partir da psicanálise. Esta questão, inicialmente proposta por Freud, permanece na atualidade dentro de um campo de pesquisa que une educadores e psicanalistas para pensarem uma educação para além dos parâmetros de normalidade propostos pela sociedade. Mesmo sem ter escrito nada especificamente sobre a educação, Freud deixou, em grande parte da sua obra, elementos subentendidos para a análise da educação – que pode ser compreendida por uma ótica de ética dentro do contexto escolar. A proposta do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Educação no Campus de Videira

¹ Aluna do Instituto Federal Catarinense, Campus Videira. Curso de Licenciatura em Pedagogia. E-mail: gleicikellydelima@hotmail.com.br

² Professor Orientador do Instituto Federal Catarinense, Campus Videira. Curso de Licenciatura em Pedagogia. E-mail: marcos.rohling@ifc-videira.edu.br



FICE

**5ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO**

15 e 16 de Setembro

alvitrou inserir-nos neste campo repleto de diálogos e tensões que marcam a sina histórica tanto da educação quanto da psicanálise, além de pensar nossa intervenção pedagógica que lance às crianças uma palavra não baseada numa moralidade, mas, sim, que reconheça a atuação ética no sentido de incluir a dimensão do inconsciente no processo desejante. Reconhecer a relação interdisciplinar e as tensões históricas e epistemológicas das duas áreas conduziu-nos ao centro da nossa pesquisa.

Considerando os elementos históricos, pode-se dizer que a relação entre psicanálise e educação não se deu de forma passiva, mas teve sua constituição marcada por conflitos, contudo, também, por muitos diálogos. Freud propôs situações a serem pensadas pela educação que são desafiadoras para pesquisadores e pensadores contemporâneos dessas duas áreas, de forma a buscarem relações e reflexões para formarem novos olhares à educação. Nas linhas da teoria psicanalítica, pode ser notado um delineamento sobre a educação o qual seria descrito em dois momentos: (i) num primeiro momento, voltado para a educação repressora e castradora e, (ii) posteriormente, num segundo – que marca a pesquisa que se traduz neste artigo – numa análise de que é possível a educação, porém, para uma realidade, a qual, desde o escopo psicanalítico, seria aquela da realidade do desejo. A ideia de transferência proposta pela psicanálise faz a educação passar por um processo de formação muito mais que uma simples ideia de moralização, e sua constituição se daria na relação professor-aluno, posto que é nas suas trocas de mundo que acontecem as mais belas formas de ver e interpretar o ser e o estar no mundo de cada qual das partes.

METODOLOGIA

O presente projeto tem como abordagem teórica a pesquisa qualitativa que, conforme elucidam Ludke e André (1986), apresenta sempre uma dimensão exploratória na busca por atingir a complexidade dos fenômenos estudados. A pesquisa se desenvolveu em dois momentos: i) levantamento bibliográfico, dado em base de dados, e síntese do material obtido, percorrendo as duas áreas do



FICE

5ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

15 e 16 de Setembro

conhecimento; ii) organização do material levantado, de forma a traçar uma linha do tempo e núcleos temáticos. Conforme sugere Bardin (2011), esta linha do tempo e dos núcleos temáticos serve como eixo para a análise e produção dos resultados obtidos, oferecendo os direcionamentos da pesquisa.

DISCUSSÕES

Nesta escrita, rejeita-se o fato de se pensar o processo de educação somente a partir de uma única ótica e, por isso, propomo-nos a articula-lo para além do enclausuramento dos seus muros de moralização e docilização. Millot (1987) elucida que Freud reconhece a psicanálise, a educação e a arte de governar como as três profissões do impossível, pois os três dependem da palavra para se estabelecer ao Outro, de forma que suas ações são limitantes, não se submetendo ao inconsciente, uma vez que ele é quem nos sujeita. Desta maneira, a educação também está inserida nas profissões do impossível: *“tudo o que o pedagogo pode aprender da e pela psicanálise é a saber pôr limites à sua ação – um saber que não corresponde a nenhuma ciências, e sim à arte”* (MILLOT, 1987, p. 154). É um equívoco pensarmos em propor uma clínica para *psicanalisar* a educação. Não é o que se pretende: queremos estabelecer um diálogo que possa gerar conhecimento, assim como desconsertar nossas verdades irrevogáveis.

Na psicanálise, o conceito de homem tradicional, do qual emerge o sujeito moderno, é ferido. De acordo com a teoria psicanalítica, os desejos mais inquietantes do ser humano são vistos como uma possibilidade de ação e de aniquilamento, elegendo o inconsciente como pedra de toque da sua constituição. A psicanálise surge do homem moderno que já não consegue existir apenas na sua racionalidade. Ela renega o pensamento cartesiano, valorizando, em seu lugar, a existência de um homem que vive também onde não se pensa. Para Kehl (2002), a crise ética do homem contemporâneo é consequência de uma crise maior que desestabilizou a própria certeza do ser, do bem e da verdade. O sujeito moderno, explica, é o sujeito civilizado. Ela coloca o ser humano em um lugar de desamparo, com sujeitos que vivem em um mundo particular, com situações particulares,



FICE

5ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

15 e 16 de Setembro

épocas, lugares e experiências particulares. De modo objetivo, Kehl aponta duas vertentes para essa crise: (i) uma que diz respeito ao *reconhecimento da lei* e (ii) outra que se refere à *desmoralização do código*. O reconhecimento da lei que Kehl tem em mente é aquela que é vista como única lei universal responsável pela condição do homem como ser de cultura, a saber: “*a que impõe a renúncia ao excesso de gozo, presente em todas sociedades humanas na forma da interdição do incesto*” (KEHL, 2002, p. 13). Em relação à outra vertente, Kehl tenciona apontar para a *desmoralização do código* que regeu a vida burguesa durante os últimos dois séculos, submetendo as outras classes sociais aos valores e ideais dessa mesma burguesia (KEHL, 2002, p. 16).

Não obstante, a crise ética proposta pela Kehl (2002) é tal que a psicanálise age enquanto questionadora dos determinantes tradicionais para um novo devir da sociedade contemporânea. Nesta sociedade que a autora questiona, o homem moderno busca nas intervenções médicas e farmacológicas suas inquietações e já não busca um sentido para a vida, esta que parece cada vez mais vazia e insignificante. A nossa existência, a nossa fala, é consumada na inscrição simbólica na cultura em que vive. Por isso, Kehl (2002) afirma que a psicanálise ocupa certo lugar de filosofia da existência, tentando de certa forma preencher vazios, compreendendo o sintoma como constituição dos atos humanos.

Entendemos, evidentemente, que educar também é um aniquilar, tal como aponta Benjamin. Com efeito, trata-se de aniquilar um desejo que não pode se constituir no mundo real. Assim, o professor aniquila do aluno os seus mais perversos desejos para que possa haver educação, em oposição àquela primeira visão de Freud, quanto à educação, que reprime e recalca o que é fundante do ser humano, a saber, a fala. Quando se priva a mínima possibilidade de discurso do aluno no momento do educar, priva-se também a única possibilidade de escutar seus pensamentos, pois que não são robôs pré-programados que vão à escola, mas sim seres heterogêneos os quais precisam da palavra para saberem que existem um mundo muito além daquele que lhes foi apresentado. Neste sentido, Millot (1987, p.16) contribui ao explicar como os tabus impostos principalmente sobre a sexualidade, bloqueiam a curiosidade científica. Ora, é a mesma castração para com a liberdade sexual que atua de tal forma a castrar a liberdade de pensar. Por isso,



FICE

**5ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO**

15 e 16 de Setembro

mais do que uma libertação sexual o que tem de ser obtido é a libertação do pensamento e da palavra – lugar onde a psicanálise atua, o da palavra, que toma o lugar do sintoma. Desta maneira, a autora questiona o que realmente adocece as crianças: se não é uma educação muito bem pensante, que proíbe a criança de pensar.

Não obstante, Arendt (2000, 1992) defende que a educação consiste numa transmissão do saber histórico na direção tal que as novas gerações possam encontrar seus lugares no mundo, na política, na cultura – é a sua tese de que a educação é uma questão de natalidade, isto é, de amor ao mundo e a correspondente responsabilidade por ele, e às crianças no sentido de que se decide não expulsá-las do nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos (ARENDR, 1992, p. 247). Ora, se realmente o processo educativo supõe um educador, que se funda na sua autoridade da fala, a atividade de ensino seria como uma aventura da linguagem, mediando a criança com o mundo real e simbólico. Corroborando com esta ideia, Millot (1987) afirma que, para Freud, a educação seria vista sob ótica segunda a qual a criança passa pela evolução da humanidade à civilização, ou seja, a criança é o produto da história da humanidade. Ao mesmo tempo em que esta criança precisa se desenvolver em relação a uma sociedade, precisa também reconciliar sua capacidade de ser feliz. A noção de civilização para Freud se dá a partir do pacto primordial, que é o assassinato do pai primitivo, trazendo um novo conceito de Lei, que é a renúncia ao gozo absoluto, permitindo a possibilidade de desejar.

No mundo, a história cultural liga à linguagem ao homem, pois o humano se apresenta quando apresenta sua língua, relacionando palavras, coisas e ações, remetidos a um tempo e a uma terra. Alimentamos a nossa humanidade com provendos e palavras, e é isto que nos mantém supostamente vivos. Desta forma, o homem não se castrou ao usar a linguagem como uma capacidade qualquer, tornando-a sua maior potência, pois é ela que o liga à natureza e à sociedade. Por isso, a palavra constitui o ser humano como histórico e político.

Neste contexto, compreendemos a linguagem enquanto construtora, pois ela opera, de certa forma, a conversão dos indivíduos em sujeitos. Nesta ótica, notamos como a psicanálise constrói sua égide no homem moderno, incompleto e



FICE

5ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

15 e 16 de Setembro

consciente de sua falta. Assim sendo, é inquestionável a dependência do homem em relação à linguagem, pois ele a usa para dar significado ao seu lugar no mundo, ainda que neste significado sintamos uma incompletude – já que quando penso que acabou nossa existência, provem a existência do Outro, em vista do qual somos sempre alienados e alienantes. Por isso, a linguagem, muito mais que uma mera comunicadora, age enquanto fundante da nossa relação com o outro, isto é, ela é *medium* que estabelece a relação do nosso ser e estar no outro.

Contudo, é nesta alteridade de sujeitos divididos e submetidos ao outro que a psicanálise toma seu lugar, buscando nos fundamentos freudianos de inconsciente e de desejo o modo através do qual se possa compreender nosso lugar de conflito, isto é, como elemento fundacional de cada qual. É nesta fragilidade da nossa existência que compreendemos nosso laço com o mundo simbólico criado pelos homens, na cultura através da linguagem.

Quando Freud propõe a existência do inconsciente, percebe-se uma reviravolta do pensamento moderno, que até aquele momento não contestava a racionalidade cartesiana. Quando se tira da razão o domínio completo do ser e se insere nesta tessitura uma dinâmica pulsional do inconsciente, dá-se ao sujeito uma nova dimensão ética, que tropeça em si mesmo e revela o sujeito dividido, contraditório, forjado histórico e culturalmente, que não pode ser pensado de maneira padronizada nem natural. A nossa subjetividade passa agora a ser recoberta pelo inconsciente nos unindo aos outros sujeitos pela linguagem e nos referenciando pela nossa incompletude. Desta forma de conceber, pode-se afirmar que somos todos seres faltantes, porém, cada qual com a falta que lhe cabe.

Esse aspecto é realçado quando se tem em vista o conceito de civilização. No livro “*O Mal Estar da Civilização*”, Freud (2011) retrata um conceito de civilização, que age de tal forma a nos regular para a proteção, ou seja, para relações sociais. Nossa sina de sermos humanos é cravada no cotidiano quando, a todo o momento, tentamos nos submeter ao princípio de prazer, um desejo imediato, que não tolera esperar. Entretanto, Freud propõe um contraponto a este princípio de prazer, a saber, o princípio da realidade, o qual nos submete a um mundo coletivo e supostamente real. Com efeito, Paul Ricoeur, em *Da Interpretação* (1977), que é um



FICE

5ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

15 e 16 de Setembro

livro dedicado à análise da psicanálise freudiana desde o viés da filosofia hermenêutica, afirma categoricamente:

[...] De um lado, o princípio de realidade não é verdadeiramente o oposto do princípio de prazer, mas um desvio ou um alongamento do caminho da satisfação. [...] Mas, de outra parte, o princípio de prazer prolonga seu reino sob todas as espécies de disfarces; é ele que anima toda a existência fantasista, considerada em suas formas normais e patológicas, desde o sonho até as ilusões da religião, passando pelos ideais (RICOEUR, 1977, p. 221).

Mais adiante, indica que *“Enfim, o desprazer é [...] ‘a única medida educativa’: é ele que dá ao próprio princípio de realidade um sentido hedonístico e o coloca no prolongamento do princípio de prazer”* (RICOEUR, 1977, p. 221). Ricoeur sugere, assim, que o princípio de realidade está de tal forma posto que todo o psiquismo lhe obedece, uma vez que ele escapa à alucinação. Seja como for, dessa forma de ver, o mal-estar causado na sociedade com este processo de humanização, isto é, de humanizar-se, é uma espécie de renúncia do gozo absoluto ao princípio da realidade. O que sobraria seriam restos de desejos em que a psicanálise fala com a educação, pois se a educação faz parte deste processo civilizatório, opera nas ações de renúncia do prazer imediato, que castra, para poder inserir o sujeito no coletivo. Assim, tem-se um processo civilizatório necessário.

Neste contexto, podemos compreender o primeiro olhar que Freud deu à educação, o repressor, pois se houve educação, então, houve repressão. Esta ótica gerou muitas discussões elencando pesquisadores das duas áreas, seja da educação quanto da psicanálise. Porém, dicotomizou os olhares: por um lado, pensava-se em propor uma espécie de “pedagogia analítica” que entende que a educação repressora, na medida certa, seria uma forma de boa educação; de outro lado, analistas procuraram certa “análise pedagógica”, voltando a clínica para um “pedagogizar” da vida pulsional das crianças. Ainda que seja assim, ambas as práticas representam um equívoco conceitual, ilusões teóricas que precisam urgentemente ser desfeitas para poder se estabelecer uma relação de diálogo, não de conflito, entre a educação e a psicanálise.

Quando Freud (2010) adiciona o conceito de narcisismo à sua teoria, aquele seu primeiro olhar, quanto à educação, sofre mudanças, pois assume que o narcisismo influencia a vida pulsional da criança e, posteriormente, aquela do adulto.



FICE

5ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

15 e 16 de Setembro

A passagem do princípio de prazer para o de realidade começa a se complexificar: antes do desejo coletivo, a criança volta-se para si mesma, e este é o processo de narcisismo fundamental para entender a construção da realidade para a criança. Ceder ao *narciso* é poder tudo e poder agora e, deste ângulo, quem pode tudo e tem tudo, claramente não deseja nada. Por isso é crucial o educar para a realidade, pois interdita o gozo absoluto e possibilita o desejo.

Com isso em mente, Millot (1987) sugere que a criança deve aprender a dominar seus instintos e se adaptar ao meio social, de tal modo que a educação deve, num primeiro momento, inibir e proibir – vistas aqui como ações necessárias para poder possibilitar uma existência social, haja vista que é impossível uma liberdade total. Porém, a autora esclarece que alguns educadores querem que a psicanálise sirva de apaziguadora, que ajude a criar crianças “sadias” e “trabalhadoras”, já que não é desejável crianças revolucionárias. Subverter a ordem seria um martírio para o sistema. Em virtude disto, Millot (1987, p. 119) afirma que a “educação deve encontrar um meio entre a liberdade e a coerção”, pois o desejo é ligado à proibição: quem tudo tem, nada deseja. Dessa forma, castrar o narciso possibilita a lei do desejo, tirando a posição infantil de autoridade absoluta, e dando-lhe a oportunidade de ser, aprender e tudo significar.

Em função disso, deve-se dizer que a chance de educar é a chance também de mostrar que somos seres faltantes, de ensinar a criança a se posicionar no mundo e que inevitavelmente sempre faltará alguma coisa. E é justamente nesta posição de não saber e não ser é que a educação lhe possibilita desejar. Quando o educador não está simplesmente à serviço da repressão, ele procura um meio de abandonar o princípio de prazer em benefício do de realidade, de tal forma que a criança possa voltar seus desejos para o pensamento e para o aprendizado. Não basta apenas pensar na educação para um princípio de realidade se não se amplia o próprio conceito de realidade, realidade esta na qual a criança deve aprender a satisfazer seus desejos, não em si mesmos, mas no mundo real. Neste contexto,

[...] para o desejo existir precisa haver um obstáculo, uma proibição. [...] Lacan mostrou como a impossibilidade do gozo está enlaçada com a condição imposta aos desejos do homem de ter que passar pelo desfiladeiro da palavra que os constitui como tais (MILLOT, 1987, p.35).



FICE

5ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

15 e 16 de Setembro

Assim, a atividade docente não se colocaria no lastro meramente repressivo, mas permitiria à criança um envolvimento também com seu mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste novo conceito de realidade, Freud (1996) propõe o educar para a realidade do desejo, e este educar se faz alheio à repressão e à castração opressora. Educar para a realidade do desejo significa imprimir as marcas do mundo na criança e ensinar-lhes que estas marcas podem ser ressignificadas por elas e que este mistério da realidade só se realiza quando se compreende cada qual como contraditório e faltante. De acordo com Arendt (2000), o professor assinala sua autoridade quando possibilita um suporte ao mundo simbólico. Mesmo que seu poder se funde na palavra, é esta que ele deve também possibilitar a criança. É nesta direção que Freud também compreende a relação professor-aluno: ao compreender esta relação professor-aluno como uma relação transferencial, muito semelhante na análise do analista com o analisando, Freud torna a fala o núcleo de sua argumentação. A transferência se faz presente em todas as relações de alteridade, que funda no Outro seu existir mediante a ética, uma dimensão ética inerente à linguagem. A relação transferencial professor-aluno, somente acontece quando ambos sustentam seus lugares no outro.

A linguagem é o que constitui essa ordem que determina o ser falante, o ser humano, além de sua condição de vivente; e institui esse rasgamento, essa divisão que marca simultaneamente a relação do ser humano com o mundo e consigo mesmo, engendra a hiância, que nada pode colmatar, de um desejo confrontado com um impossível gozo, impossível por haver tomado partido pela morte (MILLOT, 1987, p.96).

O educar para realidade do desejo acontece quando o professor deixa seus desejos de lado e passa a desejar o desejo de aprender dos alunos, possibilitando-lhes a coragem de tomar a fala, assumindo o mundo real, e reconhecendo aí seu lugar de desamparo e de falta: *“Para a psicanálise o que importa não são os métodos de transmissão de conhecimento, mas sim o desejo de aprender da criança”* (MILLOT, 1987, p. 146). Pensar o educar como uma troca do desejo absoluto por desejos parciais, como o amor e a verdade que mesmo



FICE

5ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

15 e 16 de Setembro

desagradáveis são reais. Millot (1987) explica que a educação atua dominando o princípio do prazer e o substituindo pelo princípio da realidade, tentando contribuir, assim, para o processo de desenvolvimento do Eu. É por este caminho que se pode afirmar que “*As medidas educativas propõe a criança certa tolerância às renúncias feitas em relação às satisfações pulsionais obtendo outro tipo de prazer*” (MILLOT, 1987, p. 60).

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Nova Perspectiva, 1992.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 6ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização**. (1856-1939). São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

KEHL, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MILLOT, Catherine. **Freud Antipedagogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

RICOEUR, Paul. **Da interpretação**: ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1977.